

Bem, nunca sei como começar um texto... Visto que vamos brincar um bocadinho com a palavra “**quarenta**”, comecemos por pensar em números, idades, músicas, livros... Não que se deva revelar a idade de uma senhora, mas lembro-me agora da idade da minha mãe, que tem **quarenta** anos. E se ela tivesse trinta? Bem, eu teria três anos e não estaria a escrever esta composição... Que sorte a minha, quando tinha essa idade! Mas é melhor passarmos para o segundo parágrafo, que este já está a ficar muito grande.

Vamos ver outros tópicos. Que tal números? Com que idade aprendi a contar até **quarenta**? Por acaso não sei, mas provavelmente aos cinco anos, que foi quando aprendi a contar até cem, acho eu. Se nem agora me lembro quanto mais quando tiver **quarenta**! Quando tiver **quarenta** anos espero ter um bom emprego e ter três filhos ou quatro. Sempre quis ter muitos irmãos, mas só tenho um e gosto dele por **quarenta** pessoas! Espero ter muitas histórias para contar aos meus filhos. Por falar em histórias! Acabei de me lembrar de uma: *Ali Babá e os **Quarenta** Ladrões*. Ali Babá era bastante inteligente, mas sem a ajuda de Morjana (sua fiel criada), não teria sobrevivido. Neste caso, serem **quarenta** ladrões ou não, não tinha mudado muito a história, acho eu. Então e músicas? Vou pesquisar. Mas é melhor em inglês, pois não devem aparecer muitas coisas.

Voltei! Na verdade, não encontrei nada de especial, por isso passemos para o próximo tema. Mas... não há mais temas! E agora? Agora é a altura crítica dos textos em que as ideias começam a faltar... Mas não posso desistir agora. Vou começar uma história. E como é que todas as histórias começam? *Ah!*, já me lembro. Vamos lá...

Era uma vez uma menina chamada Luísa. Todos a conheciam como Luisinha. Luisinha tinha dez anos e era filha de Aurora, rainha de uma terra muito distante. A Rainha tinha **quarenta** anos e morava, com a sua filha, num palácio muito grande.

A Rainha sempre tivera duas infelicidades na vida. O falecimento do seu amado marido e a de, por isso, nunca ter tido mais crianças e pessoas a encherem o palácio, o que o tornava triste, silencioso e sombrio. Como era filha única, não tinha irmãos que morassem ali com ela e, logo, nunca conseguira satisfazer o desejo de ter a casa cheia. Luisinha apercebera-se desse facto. Era uma princesa inteligente mas solitária, pois nunca tivera irmãos e sabia que isso deixava a sua mãe muito triste. Pensou e pensou, durante muito tempo, numa solução, até que um dia se lembrou que poderia convidar pessoas para irem viver com elas. Contou os quartos todos onde as poderia instalar e percebeu que poderia albergar **quarenta** hóspedes. Então, muito feliz, foi contar à mãe a sua ideia.

Quando chegou perto da mãe, tratou logo de a informar que tivera uma excelente ideia, que tornaria as suas vidas muito mais alegres e preenchidas. Contou-lhe que

convidaria pessoas suficientes para ocuparem os **quarenta** quartos de hóspedes existentes naquele palácio. Ao início, Aurora questionou-a de como isso iria ajudar a sua situação, mas percebeu que com gente a andar pelo palácio, ia ser tudo mais alegre. Conseguiu logo imaginar a grande mesa da sala de jantar, com uma toalha enorme cosida com fio de ouro, refeições a fumar, deliciosas e em grandes quantidades para toda a gente. De repente, lembrou-se do marido, rei Luís. Quando ele era vivo, costumava haver banquetes e festas gigantes. Qualquer acontecimento era motivo para festa, e Aurora adorava essa forma de pensar. Como tinha saudades dele... Mais triste a deixava a ideia de que Luisinha teria de viver sem pai, e que um dia, quando casasse, iria caminhar por aquele corredor sozinha. Não! Que ideia essa! “Eu também sou mãe dela”, pensava, “A minha filha há de sempre ser muito feliz. Vou começar por apoiá-la nesta ideia.” E foi isso mesmo que fez...

Luisinha andava com a cabeça nas nuvens. Tinha de ir à cidade conhecer pessoas, mas começou por fazer uma lista do que tipo de pessoas que gostava que morassem com elas. Pensou num médico, num sapateiro, num agricultor, num professor... *Ah sim!*, um professor! Nunca tivera aulas. Apenas com seis anos, quando tinha idade para aprender a ler, a escrever e a fazer as contas mais básicas. Mas a partir daí, nunca mais aprendera nada. Como nunca tinha andado na escola e não saía muitas vezes do seu palácio, não tinha amigas, e esperava conhecer muitas crianças e convidar algumas a irem morar consigo. Por isso, definiu como prioridade convidar pessoas com filhos.

De repente, lembrou-se do seu pai. Pensou que como só o conheceu em bebé, não tinha muitas recordações. Como gostava de ter um pai. Por isso, ficou decidida a arranjar também um novo pai. Quando pensava na palavra *pai*, lembrava-se de alguém engraçado, querido, muito alto, e que a tivesse ensinado a montar a cavalo. Pois é, Luisinha tinha um cavalo, ou melhor, uma égua. Chamava-se Conchita. Era uma égua imaculadamente branca, o que era um tanto invulgar para os cavalos da época. Quando não tinha nada para fazer, Luisinha dava longos passeios com a Conchita. Era feliz assim e não queria que nada mudasse. Mas ao mesmo tempo percebia que a solidão a invadia cada vez mais. Por isso, não tardou muito a ir à cidade. Luisinha pediu a Anabela, sua ama, para a acompanhar até à cidade, e, por isso, para preparar a Conchita e a Musa, que era outra égua.

Quando chegaram à cidade, Luisinha percebeu que não teria tempo de falar com toda a gente, por isso, pensou numa estratégia. Decidiu que deixaria a Conchita ir andando

devagarinho, enquanto ela contaria até **quarenta**. Quando acabasse de contar, a casa que se encontrasse à sua direita seria uma das que ela visitaria.

E assim começou. A primeira casa que encontrou, tinha duas meninas a brincarem à porta. Uma aparentava ser da mesma idade que ela e outra era definitivamente mais nova. Desceu da égua para se apresentar e as duas crianças, imediatamente se inclinaram perante ela. Luisinha estava espantada. A mais velha tinha também dez anos e chamava-se Maria, e a mais nova tinha oito e chamava-se Leonor. Os seus pais saíram à rua e, seguindo o exemplo das filhas, ajoelharam-se perante ela. Luisinha ficara perplexa e ao mesmo tempo pediu-lhes que não se incomodassem por ela. Naquele preciso momento, percebeu que os teria de levar a morar com ela. Fez o convite, sempre de sorriso na cara, pois não conseguia acreditar que estava mesmo a concretizar o seu sonho. Os dois adultos não queriam acreditar no que ouviam e ficaram muito felizes. Aceitaram o convite e Luisinha informou-os sobre tudo o que precisariam de saber. Satisfeita com a sua conquista, continuou com a procura.

Foi contando até quarenta, várias vezes. Encontrou um padeiro com a sua mulher, convidou um pescador e a sua família de quatro filhos, e conheceu ainda um senhor que a interessou particularmente. Chamava-se João. Era alto, engraçado e querido. E como era cavaleiro, sabia montar a cavalo. Lembrou-se da sua definição de pai e ficou muito entusiasmada.

No fim do dia, já tinha pessoas suficientes para os quarenta quartos. Estava muito cansada, mas feliz e essa felicidade ninguém lhe tiraria. Dormiu e acordou sobre o assunto e começou a preparar tudo. Tinha de decidir a data em que as pessoas viriam, tinha de ver todos os quartos e de pensar em como alojaria as pessoas para que todos ficassem confortáveis... Enfim, havia tanto para fazer! Alguns dias depois, João apareceu com um ramo de **quarenta** flores, e Luisinha perguntou para quem eram. Ele, entre o corado e o nervoso, lá respondeu que era para a Rainha. Luisinha quis logo que ele a conhecesse. Aurora estava na sala de jantar, sentada na enorme mesa, a guardar convites feitos por Luisinha, dentro de envelopes, para serem enviados para os cidadãos que em breve mudariam a sua residência.

João já tinha visto retratos da pálida rainha e sempre a achara muito bonita, mas nunca tinha percebido quão bonita ela era. A Rainha era de facto muito branca, tinha olhos azuis, muito redondos e um cabelo loiro, escorrido até aos ombros, que lhe dava um ar mais jovem. Quem a conhecia bem, sabia que esta adorava flores e, foi por isso, que quando João entrou na sala, seguindo Luisinha, a Rainha reparou logo nele. Este inclinou-

se e sem saber o que dizer, começou por agradecer à rainha pelo agradável convite, e por mostrar o quanto apreciara a generosidade de Luisinha. A Rainha por sua vez, gostou logo da expressão daquele homem, e do afeto que pareceu mostrar por Luisinha. Um afeto que também parecia ser mútuo, visto que Luisinha tinha um sorriso gigante na cara.

Luisinha conseguiu sentir que a mãe gostara logo à primeira vista daquele homem, e não conseguia deixar de pensar numa vida feliz. Ao mesmo tempo, sentia-se culpada por substituir o seu próprio pai, ou pelo menos assim pensava. Mas achava que naquele momento ele estaria feliz por ela estar a tentar seguir com a sua vida.

Assim passou um mês. João visitava agora o palácio real quase todos os dias e a sua relação com Aurora e Luisinha melhorava a olhos vistos. Faltava apenas um dia para a grande receção dos habitantes e Luisinha não podia estar mais feliz! Tudo corria como ela planeava. Dava longos passeios a cavalo com João e agora a sua mãe, que nunca gostara muito de cavalos, passara a ir também. Eram os três muito felizes.

Chegou, por fim, o dia tão esperado. Os habitantes começaram a chegar e todos traziam algo para oferecer. Luisinha estava muito ocupada a distribuir as chaves dos quartos e a organizar as pessoas. No meio daquela confusão toda, de vez em quando, pensava que era melhor dizer a todos para irem embora, porque estava cansada, mas não podia desistir agora. João estava a ser uma ajuda indispensável e Luisinha adorava-o. Também já o conhecia, e conseguia perceber que estava a esconder algo. Mas sabia que seria algo que deixaria todos surpreendidos e ainda mais felizes, por isso não se preocupou.

Mais tarde, chegara a hora do jantar. Quarenta travessas corriam pela mesa, quarenta criados corriam de um lado para o outro, ocupados com as suas tarefas, quarenta aromas invadiam a sala ao mesmo tempo. Mas estavam todos felizes, e nada mudaria isso.

De repente, João levanta-se para fazer um discurso. Estava obviamente nervoso. Agradeceu a Aurora e a Luisinha a oportunidade que estavam a dar àquelas pessoas. Depois começou ao falar de uma pessoa. No início ninguém percebera de quem se tratava, mas o carinho e o amor com que falava sobre ela, fizeram muitos começar a adivinhar. João estava a falar da Rainha Aurora! Acabou o discurso de joelhos perante a linda rainha e apresentando o anel mais bonito que conseguira arranjar, João pediu Aurora em casamento. Luisinha estava tão feliz que começara a chorar e Aurora não conseguia parar de sorrir. Os três abraçaram-se, comovidos, como uma família. Luisinha estava feliz: há um mês não conhecia aquelas pessoas e agora eram a sua família. Lembrou-se do pai

que nunca teve, e agora pensava que tinha um pai e, por isso, estava feliz. Luisinha tinha tudo o que alguém poderia querer. Estava ali o seu «Final Feliz». E pensar que tudo começara com **quarenta** quartos...